

João Lázaro

Presidente da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima



A violência que nos toca a todos e a todas

A ideia de que “entre marido e mulher não se mete a colher” é expressão de uma mentalidade patriarcal que coloca sobre as vítimas, na esmagadora maioria dos casos mulheres, um ónus de resistência a abusos continuamente perpetrados, como se fosse inerência de uma condição feminina suportar atos de violência em nome da preservação da conjugalidade. A violência doméstica não pode ser atribuída a um descontrolo do agressor, tal como não pode ser considerada relevante apenas em casos de maior violência física, caindo todas as restantes práticas no buraco negro das situações “absolutamente normais na vida de qualquer casal, [e que] têm a ver com a sua intimidade e privacidade”.

A violência doméstica é um fenómeno de violência que engloba agressões físicas, sexuais, económicas e psicológicas. A minimização de atos ditos “menores”, como uma bofetada ou uma ofensa verbal, desconsidera aquela que é uma das características mais significativas do fenómeno: a sua natureza dinâmica, de escalada de violência, e a contribuição de todos os comportamentos isolados para o domínio, controlo e atemorização da vítima.

A violência, tal como a vitimação, não são condições psicológicas inerentes a ninguém e não são parte da natureza humana. A violência é um fenómeno social que atinge e fere a dignidade, a saúde, a individualidade da vítima.

A autonomização do crime de violência doméstica face ao crime de maus tratos tem implícito o entendimento desta complexidade. E a atribuição ao mesmo de natureza pública é o reconhecimento da perigosidade do fenómeno para o tecido social e da incapacidade de as vítimas sozinhas se afastarem de um contexto abusivo que ocorre dentro de relações próximas das quais é difícil de desvincular.

O dever que recai sobre todos e todas nós é um dever cívico, de respeito pelos direitos humanos destas vítimas. Aceitamos hoje o dever estatal de proteger os seus cidadãos e cidadãs de ofensas à sua individualidade por terceiros, e aceitamos também que estes problemas nos afetam a todos e a todas, e não apenas às suas vítimas diretas esquecidas entre as paredes que as sufocam.

Nenhuma correlação comprovada existe entre índice de mortalidade por violência doméstica e a autonomização deste crime, quando muito há hoje em dia uma melhor identificação das mortes ocorridas nesse contexto.

Muitas vezes são os “segredos comezinhos” que motivam os atos mais bárbaros. E é na sua sequência que sabemos hoje que só em 2014 foram assassinadas 43 mulheres e que já em 2015 morreram 7 mulheres vítimas de violência doméstica.